

1. Introdução

O presente trabalho tem como objetivo fazer uma análise de um fórum de discussão destinado a turistas, existente no guia internacional on-line *Lonely Planet*², mais especificamente dos tópicos que se referem aos *favela tours* do Rio de Janeiro. Além disso, será feita uma descrição etnográfica de um passeio turístico realizado em uma favela carioca, neste caso o Santa Marta, e dos relatos dos moradores do local sobre tais passeios.

O citado fórum de debate foi escolhido por fazer parte de um dos guias de turismo mais conhecidos internacionalmente, o *Lonely Planet*. A opção por um guia internacional se deu devido ao fato da maioria dos turistas que fazem este tipo passeio serem estrangeiros. Segundo Bianca Freire-Medeiros (2009), cerca de 98% dos turistas que fazem estas visitas vêm de fora do país, sobretudo da Europa(2009:12). E a opção pela comunidade Santa Marta ocorreu por esta ter sido tanto a primeira a ser pacificada³ no Rio, como a fazer parte, desde o mês de agosto de 2010, do programa *Rio Top Tour*⁴, do Instituto Brasileiro de Turismo, Embratur, em parceria com o Estado do Rio de Janeiro, destinado a promover tais localidades como atrativos turísticos do Rio de Janeiro e do Brasil.

Será também relevante para o presente artigo analisar como, e em que contexto, surgiram esses *favela tours*, dentro da emergência da categoria de turismo chamada *tour* de realidade, ou *reality tours*.

¹ João Maia é professor adjunto, diretor da Faculdade de Comunicação Social da UERJ e líder do grupo de pesquisa CAC – Comunicação, Arte e Cidade (CNPq/UERJ). Mariana Bispo é mestranda em Comunicação na Faculdade de Comunicação Social/UERJ.

² <http://www.lonelyplanet.com>

³ Segundo o site oficial da Secretaria de Segurança Pública, a pacificação das comunidades ocorre através da instalação da Unidade de Policiamento Pacificadora, que é um novo modelo de Segurança Pública e de policiamento que promove a aproximação entre a população e a polícia, aliada ao fortalecimento de políticas sociais nas comunidades. (Disponível em http://upprj.com/wp/?page_id=20)

⁴ Projeto do Ministério do Turismo, em parceria com o governo do Estado do Rio de Janeiro, que visa promover a inclusão social por meio do turismo. Lançado em 30 de agosto de 2010, tem como primeira comunidade beneficiada a Santa Marta, em Botafogo..

Além disso, cabe ressaltar que análises de tópicos de discussões de fóruns na internet ligados à esfera do lazer tem sido poucas vezes objeto de estudo. Grande parte das pesquisas empíricas realizadas em *chats* e fóruns sobre discussões *on-line* tem como foco debates ligados à esfera política “(fóruns de partidos, lista de discussão a respeito de questões políticas pontuais, blogs de militantes, etc)” (2010: 317). Ângela Marques (2010) ressalta que pouca importância é dada aos fóruns de discussão não políticos, tais como os referentes a *hobbies*, lazer ou questões do campo da saúde e trabalho, dentre outros.

2. A emergência dos *favela tours*

Antes de começar as análises dos debates *on-line*, bem como os relatos etnográficos, será relevante explicar como a favela tornou-se, nas últimas décadas, um ponto turístico do Rio de Janeiro, internacionalmente conhecido, debatido e oferecido em guias de turismo no exterior. Esses *tours* devem ser compreendidos dentro de um estudo mais amplo sobre o turismo contemporâneo e das tendências de busca por passeios que suscitam o consumo de experiências, mais do que de produtos e serviços.

Freire-Medeiros (2006) ressalta que, na contemporaneidade, os serviços em geral se singularizaram e se especializaram para atender a públicos ávidos por diferenciação. E com o turismo não é diferente. Há no mercado turístico contemporâneo espaço tanto para os chamados pós-turistas⁵ quanto para aqueles se recusam a ser chamado de turistas, e ainda aqueles que preferem consumir experiências de turismo⁶, ao invés de somente paisagens turísticas ou objetos.

A questão da autenticidade da experiência turística também é algo relevante na escolha dos destinos por parte dos turistas e na emergência dos chamados *reality tours*.

⁵ Urry (1996) considera uma das características mais importante do chamado *pós-turismo*, categoria que emergiu a partir das Novas Tecnologias de Comunicação e Informação, o fato do viajante saber que é um turista, e ter conhecimento de que o turismo é um jogo ‘ou melhor, uma série de jogos com múltiplos textos’ (1996:139), ao invés de uma experiência singular. Além disso, o pós-turista sabe que terá que passar, a maior parte das vezes, por todos os trâmites inerentes à atividade turística, tais como enfrentar filas, trocar moedas e observar o câmbio e receber folhetos de divulgação. Ele é ‘resoluto’ quanto a sua condição de ‘intruso’, é um ‘realista.’ (URRY,1996; MOLINA,1996)

⁶ De acordo com Molina (2003) “O turista não quer se colocar mais no espaço visitado como mero espectador, mas no intuito de tornar sua experiência única, ele deseja perceber, sentir e participar da atividade turística como ator, ou seja, como um agente mais participativo no processo da viagem.” (Molina *Apud* Cunha, 2006:22)

“A possibilidade da revelação de si através do encontro com ‘a comunidade’⁷ onde permanece resguardada ‘a cultura autêntica’, livre das influências corrosivas do meio externo, é um elemento fundamental na composição do produto turístico dito ‘alternativo’.” (2006: 3) A partir daí, Freire-Medeiros destaca que tais tipos de *tours* de realidade podem ser divididos em dois tipos: os “tours sociais” e os “tours sombrios”⁸. A primeira categoria é a que interessa ao presente estudo.

Os *tours sociais* começaram a ser realizados por intermédio de Organizações Não Governamentais norte-americanas, sobretudo a *Global Exchange*, que há mais de uma década iniciou este tipo de passeio ao levar grupos de turistas das nações desenvolvidas para países em situações de conflito social e instabilidade política. (2006:4) Atualmente, há outras ONGs que organizam estes tipos de passeio. Mas e os *favela tours*? Onde se encaixam neste contexto? O *favela tour* pode ser considerado um caso emblemático destes tipos de passeios, pois

(...) ao mesmo tempo em que permite engajamento altruísta e politicamente correto diante da paisagem social, motiva um sentimento de aventura e de deslumbramento diante da paisagem física. É a experiência do *autêntico*, do *exótico* e do *risco* em um único lugar. (2006:5)

No Brasil, esta modalidade teve início durante a realização da Conferência Eco-92, quando um grupo de participantes pediu aos guias da *Jeep Tour*⁹ que os levassem para conhecer uma favela, neste caso a Rocinha. (2009) De lá para cá, cerca de 20 anos depois, o fenômeno cresceu e, atualmente, somente a Rocinha recebe uma média de 3.500 visitantes por mês. E a referida favela passou a ser considerada ponto turístico oficial do Rio de Janeiro. (2009:19-20) Além de ter sido criado o *Rio Top Tour*, que só

⁷ O conceito de comunidade foi sendo construído de diversas maneiras ao longo dos textos que tinham como foco a questão das relações sociais nas cidades modernas. Autores como Simmel, Park, Goffman e Tönnies articularam diferentes empregos da noção de comunidade. Destacamos que a comunidade pode ser entendida na contemporaneidade a partir de autores que a definem como a união de “mentes iguais” ou mesmo como pessoas que compartilham posições diante da vida de maneira semelhante, sobretudo, a partir de Sennett (1988) que colocou em foco a questão da “identidade de interesses.”

⁸ Freire-Medeiros ressalta que os chamados *tours sombrios* são os realizados em localidades trágicas, tais como Sniper’s Alley em Sarajevo, os campos radioativos de Chernobyl e os túneis Viet Cong (já devidamente alargados para acomodar o número crescente de visitantes estrangeiros). (2006:4)

⁹ Empresa de turismo pioneira neste tipo de atração turística e que tem como uma de suas principais atrações os *favela tours*.

no primeiro mês de atividade levou cerca de 5000 pessoas a visitar a comunidade Santa Marta¹⁰.

3. Os estudos sobre a conversação informal na Internet

Para a análise dos fóruns de debates em torno deste tipo de turismo, é relevante fazer alguns comentários acerca dos estudos sobre conversações informais na internet. As pesquisas sobre fóruns de discussões neste meio são incipientes e focadas, em sua maioria, nos debates sobre deliberação política. Porém, autores indicam que a inclusão de fóruns não políticos na agenda de pesquisa pode abarcar uma dimensão política mais ampla. Ângela Marques (2010) cita Graham (2008) para ressaltar a importância de se observar conversações que tenham como foco a vida pessoal e cotidiana dos participantes, pois ao considerar um tema relevante e debater sobre ele, os integrantes destas listas estão, de alguma forma, tornando possível também uma discussão política.

No caso do fórum de debates sobre os *favela tours*, a política se faz presente uma vez que se debatem aspectos como a legitimidade dos passeios e a curiosidade por tal tipo de turismo, além da questão da alteridade, ainda que de forma não declarada. Além de debates sobre aspectos sociais das localidades visitadas e do quanto o turismo pode ou não modificar a realidade vivida nas comunidades.

No que tange ao estudo dessas conversas, autores como Doury e Marccocia (2007) ressaltam que, assim como fora do espaço da *web*, neste espaço virtual as pessoas que ali se agrupam conversam sobre interesses e necessidades, pedem e emitem opiniões e criam laços de simpatia, proximidade ou até mesmo aversão. Mas um aspecto fundamental é a informalidade dessas conversas, que na maioria das vezes dispensa a formulação de textos a partir de argumentos “‘crítico-rationais’, voltados para a busca de um entendimento recíproco e reflexivo.” (2010:318) Outra característica levantada por Ângela Marques no que se refere a fóruns de debates de assuntos não políticos, é a de que eles criam espaço para formas de comunicação em que a experiência concreta dos participantes, suas narrativas pessoais e emoções podem ser expostas. (Ibidem: 319)

¹⁰ Publicado no site do Jornal do Brasil em 05.10.2010, acessado em 12.12.2010. (<http://www.jb.com.br/rio/noticias/2010/10/05/rio-top-tour-5-mil-turistas-em-um-mes-no-santa-marta/>)

No caso dos fóruns de turismo, essa característica é perceptível, uma vez que os turistas que já fizeram tais passeios vão a esses espaços virtuais para deixar suas percepções e vivências. E acabam, muitas vezes, por influenciar com suas opiniões outros internautas e debatedores do fórum.

O sociólogo do turismo John Urry afirma que o turismo é uma atividade que se baseia em uma “antecipação da experiência.” (Urry *Apud* Freire-Medeiros, Op.Cit. p.20) Ou seja, quando o turista escolhe um determinado destino para viagem, ele o faz com base na imagem que possui do lugar, e esta é construída através do que ele tem de contato prévio com esta localidade através de produtos midiáticos, que o fazem criar uma espécie de “moldura interpretativa” da região. E cada vez mais a comunicação mediada por computador e as informações deixadas em redes sociais e *chats* de debates, tornam-se fonte de consulta para viajantes criarem esta moldura interpretativa dos locais que desejam visitar.

Além disso, ressalta-se o fato deste *chat* fazer parte do site de um guia de turismo, que é a publicação costumeiramente mais buscada por quem quer encontrar informações sobre atrativos turísticos. Sobre isso, Torres (2006) **FALTA A PÁGINA** destaca que “os guias de turismo veiculam o que é considerado ‘do mundo da cidade’ pelos seus contemporâneos. (...) são capazes de levar pessoas a conhecer lugares, influenciam seus roteiros, seus gostos, opiniões, padrões de consumo e de conduta nas cidades. Acabam servindo como conselheiros persuasivos e companheiros de viagem.” Ainda que o fórum, não tenha conteúdo produzido pela equipe do guia *Lonely Planet*, ele é parte integrante do site, o que o credencia como um local apropriado para buscar informações turísticas. (Bessanezi *Apud* Torres, 2006:8) Se a citação é de Bessanezi, a frase acima é de TORRES?

Como no caso do fórum denominado “Favela Tours – yay or nay?”¹¹ que consta na sessão *Thom Tree Travel Fórum* do *Lonely Planet*. Quem iniciou o tópico foi um usuário que se identifica como *woodenhorse*. Ele explica, em um textinho de três

¹¹ Os debates deste *chat* específico aconteceram em maio de 2009, tiveram 12 conversas postadas e foram acessados durante o período de 02 a 12 de dezembro de 2010. A maioria dos participantes recorre a apelidos e não revelam nome, sobrenome ou local de onde está postando; portanto, não há como saber quem são (nome real e profissão) e nem de que localidade estavam teclando, somente que são turistas interessados em fazer o *favela tour* ou pessoas que já tiveram ou dizem ter tido algum tipo de experiência com este tipo de passeio. Vale lembrar que este não é o único tópico do *Lonely Planet* que tem esta temática como foco. Este estudo vai se focar nas conversações que destacaram aspectos das impressões que os turistas tinham ou têm acerca deste tipo de turismo, tendo eles realizado ou não os passeios.

parágrafos, que irá ao Brasil no final do ano (2009), e que um colega de trabalho, que já havia visitado o Brasil, recomendara um passeio em alguma favela. Ele disse que de início não ficou interessado, pois achava um pouco condescendente com a população local fazer este tipo de passeio, em que, segundo a ótica dele, aquelas pessoas têm suas casas e suas vidas expostas. Ele ressalta ainda que estes habitantes são “*pobres, carentes, e vivem em uma área de extrema provação e alta criminalidade.*”ⁱ

Porém, ele segue dizendo que, após fazer uma pesquisa sobre esses passeios, descobriu que alguns investem o dinheiro ganho na comunidade e que, por isso, ele passou considerar a possibilidade. Por fim, ele pergunta a opinião dos internautas que freqüentam o *chat* sobre tais passeios, e este tópico dá início aos debates sobre o tema *favela tours*.

“*Quais as opiniões dos que já fizeram estes passeios, são éticos? E quem tiver feito algum desses, me recomenda fazer um, ou achou os tours estranhos?*”ⁱⁱ

Ele postou esses questionamentos no dia 13 de maio de 2009, e no mesmo dia recebeu a primeira resposta de um usuário do *chat* que seu identificou como *klaush*:

“*Favelas são coisas legais. Aprenda o máximo que puder sobre o mundo e sobre a vida dos pobres, enquanto você puder dar se ao luxo de ser um turista... então você está preparado para viver em uma favela, enquanto a economia do país fica pior.*”ⁱⁱⁱ

Cabe marcar um certo sarcasmo na fala desse primeiro interlocutor, que passa a impressão de que um dia todos podem se tornar moradores de uma favela. Além do mais, ele não especifica em qual país a economia fica pior.

O segundo internauta a responder o tópico usou o *nickname* *zerotres*, e avisou que já havia outro tópico de discussão sobre os *favela tours*, com o nome de *Tours of the Slums*. Ele colocou o *link* do debate, além de informar que, se o criador do tópico em questão tivesse procurado mais, teria encontrado outras discussões semelhantes no fórum.

O *post* seguinte foi deixado por *carlos69*, que escreveu uma das conversas mais longas do tópico, da qual para o presente estudo serão usados alguns trechos. Ele começa dando uma posição positiva para *woodenhorse*, o usuário que criou o tópico e que fez a primeira pergunta. E depois segue corroborando a afirmação de que alguma renda dos passeios é revertida para a comunidade:

“Nay. Sim, alguns grupos turísticos fazem doação nominal. Isso é feito principalmente por razões práticas e não por qualquer sentimento de construção da comunidade (...) é um passo útil do marketing para os turistas, que salva suas consciências. Eu não estava realmente em algum tipo de excursão lasciva, eu estava fazendo uma contribuição para uma comunidade carente. Sua preocupação principal é, contudo, comercial, é um passeio novidade para gente que pode dar ao luxo de se embasbacar com a pobreza. E os visitantes podem vestir os seus voyeurismos com um pretense interesse social, ou não. O operador do passeio é um guia de turismo comercial que surgiu com uma idéia nova para expandir seus negócios. Tem sido amplamente copiado desde então.”^{iv}

Um *post* interessante, que relata uma experiência de quem participou de um destes *tours*, foi colocado por “*cosbo*”.

“Meu favela tour foi o destaque da minha viagem. Fui com uma agência de turismo chamada “Não seja um gringo, ser um local”¹², que deve ser anunciada na maioria dos albergues. Foi-nos dada a oportunidade de comprar obras arte e comida das pessoas na comunidade e fazer doações diariamente para o centro de acolhimento de crianças adoráveis. Você não vai se arrepender.”^v

Há pelo menos mais dez *posts* neste tópico, porém para o estudo serão utilizados os selecionados anteriormente, pois são os que tentam mais diretamente reponder ao questionamento do primeiro interlocutor.

3. Relatos de um *tour* pelo Santa Marta

Neste ponto será feito um relato etnográfico do primeiro *tour* a uma favela, realizado pela pesquisadora, como parte do trabalho de campo, neste caso na comunidade Santa Marta¹³, localizada em Botafogo, na Zona Sul do Rio de Janeiro. Serão colocados junto com as primeiras impressões da pesquisadora visitante, algumas falas de moradores e monitores do programa *Rio Top Tour* acerca deste tipo de passeio, sobre os turistas e sobre os benefícios que eles geram, ou não, para tais comunidades. Ou seja, sobre alguns dos mesmos temas que estiveram presentes no fórum de debates¹⁴. Este é um aspecto importante, uma vez que a pesquisa etnográfica se apóia,

¹² Uma das agências que trabalha o turismo na Rocinha.

¹³ Embora a favela mais conhecida internacionalmente e mais visitada como ponto turístico seja a Rocinha, a comunidade Santa Marta foi escolhida por ter sido pioneira na instalação do programa *Rio Top Tour* e por ter sido também a primeira a receber uma UPP.

¹⁴ A diferença é que, no caso do fórum, o tema turismo em favela era debatido de forma genérica, não se referindo, na maioria das falas, a nenhuma favela específica, mas sim ao fenômeno do *favela tour*. E no

antes de tudo, “no contato com outros numa situação privilegiada de observação e participação, e em que o relato desses encontros, ocupa lugar central.” (2007:138)

Era tarde de terça-feira quando cheguei a entrada da comunidade e me apresentei como estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro aos guias de turismo do *Rio Top Tour*, que se encontram em uma cabine de turismo localizada na entrada no morro. Eles me receberam bem e me contaram um pouco sobre o projeto *Rio Top Tour*, sobre como foram contratados e do sucesso que o empreendimento tem tido desde que foi criado em agosto deste ano. “São mais de 200 visitas por dia, a maioria das vezes.” Relatou-me um dos guias, que me entregou um mapa bem detalhado do Santa Marta, mas sem me dar grandes explicações.

Eles me falaram que, desde os ataques de bandidos ocorridos no Rio de Janeiro em novembro de 2010, e da consequente tomada do Complexo do Alemão pela Polícia, o movimento de turismo havia caído, mas que naquele momento já começava a se normalizar.

Vale ressaltar que a visita não foi realizada a fim de comprovar teorias prévias a respeito dos favela *tours*, mas sim como uma experimentação, tendo em vista que “quando a experiência de campo inspira a teoria é possível conseguir uma inteligibilidade dos fenômenos que pouco tem de interpretação, é mais uma forma de experimentação, agora com o pensamento e a escritura.” Quem é o autor da citação? (2007:140) Outra questão importante foi a do distanciamento, tomando-se cuidado para não acreditar que este tipo de turismo, por mais difundido que esteja, seja algo familiar e corrente.

Voltando à experiência do campo, perguntei¹⁵ aos guias do *Top Tour*, se eles eram moradores do Santa Marta, e eles me disseram que não, que não era um pré-requisito necessário para a realização daquele trabalho, pois foram contratados diretamente pelo governo, mas que havia diversos monitores da própria comunidade

caso das falas coletadas em campo, estas se referem especificamente ao turismo realizado na comunidade Santa Marta.

¹⁵ Não foi montado nenhum questionário prévio para ser feito com os moradores, guias e monitores do Santa Marta. As perguntas foram feitas de forma livre ao longo do percurso e de acordo com as situações que se apresentavam.

tinham sido treinados para guiar. Comecei então a entender algumas particularidades do projeto, que não haviam ficado claras ao ler o site do Ministério do Turismo¹⁶, que explica o *Top Tour*.

O *Rio Top Tour* se encarrega de deixar dois guias de prontidão na cabine para atender aos turistas que chegam à entrada do Santa Marta, e estes recebem o mapa e algumas instruções básicas sobre como chegar ao plano inclinado, que leva à parte alta do morro. Na entrada de cada uma das quatro estações do plano inclinado,, ficam alguns monitores para explicar e dar orientações ao turista, mas não seguem com eles pelo morro. Isso é papel dos monitores locais. Estes são moradores da própria comunidade, que receberam treinamento de um guia contratado pelo *Rio Top Tour*. Tais monitores começaram a trabalhar em outubro deste ano, acompanhando os turistas que chegam à cabine do *Top Tour*.

Estava quase subindo sozinha quando chegou um dos monitores do projeto, chamado Barbosa. Me apresentei e ele se disponibilizou a fazer o *tour* comigo e logo me deu algumas dicas de como o passeio poderia ser realizado. Ele ainda me explicou detalhadamente as atrações do morro, tais como o "Pedrão", de onde se tem uma bela vista da Enseada de Botafogo, a qual é muito apreciada pelos turistas, mas que é "difícil de chegar. São cerca de 15 minutos a pé, subindo." Ele mostrou no mapinha onde fica a famosa laje do Michael Jackson e a UPP. Disse ainda que o *tour* completo duraria, se todo feito a pé, mais de 2 horas, e me sugeriu subir de plano inclinado até a estação 3 e de lá partir para a laje do Michael e para um outro mirante mais baixo de onde teríamos uma vista parecida com a encontrada no Pedrão. Eu aceitei esse roteiro, que duraria cerca de uma hora e meia.

Porém, soubemos logo na entrada do morro que o bondinho da primeira parte do plano inclinado estava em manutenção e começamos a subir a pé. De início, o monitor pareceu meio desconfiado acerca da minha pesquisa e fez algumas perguntas sobre o trabalho. Mas logo em seguida se mostrou até interessado no projeto, sobretudo por ter o respaldo da Uerj. Ele também se surpreendeu com o fato da Universidade estar interessada em estudar a comunidade. Vale lembrar que assim que cheguei e me identifiquei, os guias do *stand* do *Rio Top Tour* me disseram que outras pesquisadoras

¹⁶ www.turismo.gov.br

do Uerj estiveram no Santa Marta no dia anterior, mas não sabiam dizer de que área elas eram.

A subida do morro é bastante íngreme e os degraus bastante largos. O monitor explicava cada ponto em que passávamos, tais como os comércios locais e falava com quase todos os moradores que passavam por nós.



Vista das escadas ao longo da subida do morro



Logo de início, ele começou a me contar sobre a cooperativa de monitores da qual ele faz parte. Ela foi criada pelos moradores formados pelo curso de turismo oferecido pelo *Rio Top Tour* e atualmente conta com 17 monitores. Eles se revezam para receber os turistas e fazem escalas, pois a maioria deles trabalha em outros empregos, não se mantendo apenas com o dinheiro das visitas, que custam R\$ 25 por pessoa. Ele me falou também que eles recebem muitas visitas de estrangeiros, mas que não receberam nenhum treinamento ou curso de idioma por parte do *Rio Top Tour*, e que isso, para ele, era a grande falha do projeto.

Ainda na subida do morro, Barbosa me mostrou então um local onde é vendida, segundo ele, a melhor empada do Santa Marta, onde os turistas costumam parar para comer. E neste ponto paramos para ele me apresentar a Andréia, que é a presidente da Associação Comercial do Santa Marta e que também é monitora de turismo. Falei a ela sobre minha pesquisa e ela se mostrou bastante interessada e me contou algumas coisas sobre o funcionamento do turismo no local. Reclamou bastante da *Jeep Tour* e me

contou que os guias da empresa passeiam com os turistas por dentro das vielas do Santa Marta lucram alto com as visitas, mas os moradores mesmo não se beneficiam com isso. “Nem comprar coisas aqui no nosso comércio eles compram, os guias não param com eles para isso.”

O discurso de Andréia contradiz o que fora dito por alguns usuários do fórum do *Lonely Planet*, de que os *favelas tours* realizados por agências de turismo beneficiam a população local financeiramente e que, por isso, seria algo até bem-vindo pelos moradores. Sobre esse assunto, o guia Barbosa me falou que, em geral, os moradores não são muito favoráveis ao turismo feito pelo *Jeep Tour*, nem por agências em geral. “Quando são os monitores locais as pessoas dão força, mas quando é guia de fora, os moradores não gostam muito.” Quando é com eles, os visitantes sequer compram alguma coisa aqui dentro, nem os artesanatos que a gente põe para vender¹⁷, nem na lojinha que tem lá embaixo.”¹⁸

Durante o percurso de subida, Barbosa foi me mostrando as minas de água que existem no Santa Marta. Ao todo são três, que segundo ele, já foram a única opção quando não existia rede da Cedae por lá. Por sinal, havia técnicos da Cedae no local instalando a rede de águas e saneamento, mas a companhia só entrou no Santa Marta há alguns meses. Quando passamos pela segunda mina, haviam crianças lavando louça, que pareceram não se importar e nem se entusiasmar com a presença de uma turista, nem mesmo com as explicações do guia, que falava sobre elas e sobre a mina d’água.

Um aspecto sempre pontuado pelo monitor foi a questão da infraestrutura urbana do morro. Ele falou da rede elétrica, também instalada há pouco tempo, e contou que recentemente passou a ser cobrada uma taxa de luz dos moradores, mas de acordo com a renda da pessoa. E falou, pelo menos umas quatro vezes durante o percurso de subida, sobre o processo de substituição das casas de madeira, estilo palafitas, por construções de alvenaria. Ele me mostrou uma construção de madeira que está para ser destruída e sempre me mostrava os prédios e casas ‘novas’. Uma casa bem destacada por ele foi a moradia contruída por um senador, que deu a residência a um dos moradores mais antigos e conhecidos do morro, seu Salvador. A casa é bem grande e, segundo Barbosa,

¹⁷ Barbosa me contou que participa de uma oficina de artesanato realizada em uma unidade da FAETEC localizada na parte baixa do morro, que visitamos ao final do *tour*.

¹⁸ A referida lojinha trata-se da *Comunidade Fashion*, loja montada por um casal de moradores do Santa Marta que faz muito sucesso entre os moradores do morro e adjacências. Ela possui até comunidades em redes sociais.

virou até hospedaria. A construção fez parte de um projeto social do senador e parece ser bem valorizada na região.



Casa construída pela senador Crivella

Outra questão estrutural do morro, sempre pontuada pelo monitor, foi a das pontes e passagens que ligam algumas casas a outras, e estas a algumas escadas. Ele falou seguidas vezes durante a subida, que só há pouco tempo as casas passaram a ser substituídas pelas de alvenaria, mas ressaltou que em algumas partes do morro elas ainda são de madeira, porém não passamos por elas.

Chegamos até a famosa laje do Michael Jackson, imortalizada pela visita feita ao morro pelo *pop star* em 1996, para a filmagem do clipe *They don't care about us*. Antes de passarmos por ela, Barbosa me levou a um projeto social de uma ONG que fica bem abaixo da laje do Michael. Lá, um monitor de informática nos recebeu e explicou o projeto. Conhecemos também a coordenadora do projeto, Maya, e recebemos um lanche de café com bolo. Todos formam muito receptivos e perguntaram bastante sobre a pesquisa. Além disso, a coordenadora comentou que o local é bastante visitado pelos turistas estrangeiros que vão ao Santa Marta, que gostam de ver o trabalho realizado. A

laje do Michael parece menor do que na TV, bem como a estátua erguida em homenagem ao astro. A vista que se tem do bairro de Botafogo impressiona.



Vista da Laje do Michael Jackson

De lá partimos para uma espécie de mirante de onde se tem uma vista deslumbrante da Enseada de Botafogo. E onde descobri, através de uma conversa entre o monitor e um dos moradores, que está sendo criado um projeto para construção de mais apartamentos. Há inclusive a idéia de se criar um banheiro público, pois os turistas costumam usar os banheiros das casas dos moradores, quando precisam.

Barbosa também me contou da idéia de se criar um feira livre de artesanato permanente em cima de uma laje nova construída por um dos moradores. Ele me mostrou alguns dos trabalhos feitos pelo grupo do curso de artesanato. Neste ponto, ele me contou que para os moradores o preço dos produtos vendidos é menor do que para os turistas, e reforçou a idéia de que estes comprem muito pouco durante as visitas, quando estão acompanhados de guias de agências.

O monitor perguntou se eu queria conhecer a casa dele. Ele já havia comentado que era um apartamento grande e fiquei curiosa em ver como eram estas moradias. Entrei no apartamento, que realmente é amplo e possui dois quartos. Neste ponto,

perguntei a ele há quanto tempo ele morava na comunidade, e ele me disse que havia cinco anos.

O apartamento dele fica localizado bem próximo ao plano inclinado 3, onde pegamos o bondinho para iniciar a descida. De lá visualizamos as chamadas casinhas coloridas da “Coral”. Perguntei de onde havia surgido a idéia daquelas pinturas e Barbosa me contou que foi de um projeto da “Coral tintas”, em parceria com a FAETEC. Antes de iniciarmos a descida, ele me levou até “a casa do Luciano Huck.” A residência de uma moradora que fora reformada pelo programa Caldeirão do Huck, no quadro “Lar Doce Lar”, e que acabou virando mais uma atração do morro.

Descemos e fomos até a praça do Cantão onde ficam a maioria das casinhas coloridas decoradas. Lá entramos na FAETEC e vimos as paredes que serviram de prova para os alunos, que depois vieram a pintar as casas. Ele me contou também que é nesse prédio da Escola Técnica que o presidente Lula costuma ficar quando vai ao Santa Marta. Aliás, a presença de autoridades e de artistas no morro era constantemente citada pelo monitor, sempre com um certo orgulho de ter aquelas pessoas visitando a comunidade, em diversas ocasiões. A pessoa “famosa” mais citada pelo guia durante o percurso foi o governador Sérgio Cabral.

Bem em frente à FAETEC fica localizada uma creche bem grande, que eu perguntei a ele se era estadual, mas era da associação dos moradores, que é bem forte dentro dessa comunidade, sendo responsável por diversas atividades realizadas dentro do morro. Na entradinha da praça do Cantão fica a *Comunidade Fashion*, a *boutique* mais conhecida e considerada a mais chique da comunidade. Encontramos com o dono da loja, Udson, em frente à creche, pois ele havia ido buscar a filha, e o acompanhamos até a *boutique*. Uma loja bem arrumada e decorada com quadros de uma artista local, que retratam paisagens do próprio Santa Marta. O dono explicou de onde surgiu a idéia da loja, construída em parceria com a esposa, que adora moda e que segundo ele “entende muito do assunto”. Ela começou a vender roupas e sapatos em casa, mas como o comércio, e sobretudo a clientela, começou a crescer demais, eles optaram por abrir o espaço, que faz sucesso entre os moradores. “Temos clientes fiéis, pessoas que só compram roupas com a gente” - comentou orgulhoso Udson.

Por fim, eu deixei a comunidade na companhia do monitor, que havia me dito, logo no início do passeio, que eu não precisava pagar a visita, pois eu avisei que estava com pouco dinheiro, porém, quis pagá-lo e desci com ele para pegar dinheiro.

Durante esse trajeto, já fora da comunidade, combinamos algumas coisas a respeito das próximas visitas para a realização da pesquisa e ele pareceu ter ficado animado. Pegou meu telefone e me passou os contatos dele. Disse que me avisaria sempre que tivesse turistas estrangeiros agendados, pois estes costumam marcar antes, segundo ele me informou. Ele me fez ainda uma pergunta que me pareceu curiosa: quis saber minha opinião sobre como ele havia se saído como guia de turismo, pois ressaltou que a formação que eles receberam do *Rio Top Tour* foi muito abaixo do planejado e do esperado. Estavam previstas cerca de 40 horas de aulas, mas os monitores só receberam aproximadamente 18. Vale ressaltar que logo que cheguei, informei que era guia de turismo cadastrada na *TurisRio*.

Respondi a Barbosa dizendo que achei a visita muito boa e que ele era bastante desenvolvido, e que, sobretudo, tinha grande conhecimento sobre o local, o que fazia dele um bom guia. Ele ressaltou, novamente, que um grande defeito em sua formação como guia, o que também se estendia a todos os demais monitores, era não ter tido nenhuma aula ou treinamento de algum idioma estrangeiro. Concordei com ele. Quando já quase chegávamos ao banco, ele me perguntou se eu falava bem inglês. Disse que sim, e ele me perguntou se eu poderia, a partir das futuras visitas que farei como pesquisadora, para acompanhar grupos de turistas, ajudar os monitores com o inglês, traduzindo as falas do inglês para o português e vice-versa, atuando como guia bilingüe. Fiquei pensativa, mas depois me prontifiquei a ajudar, por acreditar que a questão da simpatia entre o pesquisador e grupo estudado é fundamental. E por entender que neste tipo de trabalho de campo sempre se realiza uma troca. O pesquisador recebe colaboração para fazer a pesquisa, e neste caso consegui um “informante” que está disposto a ajudar, mas também deve, de alguma forma, retribuir, o que gera uma relação próxima e de simpatia entre as partes, favorável a realização do trabalho. O que vai ao encontro do que fora colocado por Caiafa (2007), de que na experiência do trabalho de campo há uma oportunidade singular de “agenciamento com o desconhecido”, agenciamentos estes transitórios, onde o pesquisador deve deixar-se afetar. Ela cita Deleuze (1977:67) para afirmar que o agenciamento é como um co-funcionamento, que também é chamado de

simpatia. “A simpatia é o afeto que nos permite entrar em ligação com os heterogêneos que nos cercam, agir com eles, escrever com eles.” (CAIAFA, 2007:152)

6. Considerações finais

Verifica-se a partir das conversações presentes no fórum do *Lonely Planet* e dos relatos dos moradores do Santa Marta, que há uma certa discrepância entre que o é dito pelos turistas ou interessados em fazer este tipo de passeio nos fóruns *on-line*, e o que os moradores, no caso os do Santa Marta, e monitores, pensam sobre esta atividade de turismo em favela. Além disso, muitas pessoas que ainda não vivenciaram a experiência pessoalmente, imaginam coisas a partir de leituras de guias ou de relatos de outros turistas que deixam depoimentos em *chats*, fóruns, etc. A realidade percebida pelos moradores locais sobre os benefícios, sejam financeiros ou sociais, destes passeios feitos pelas agências de turismo para comunidades, é diferente da que os internautas dos *chats* que debatem tais passeios possuem, e que os levam, muitas vezes, fazer e a buscar tais visitas. Como ficou perceptível nas discussões do fórum do *Lonely Planet*, muitos buscam estes programas achando que contribuirão diretamente para a melhoria da comunidade através de doações ou da realização de consumo no local, e que a renda obtida pelas agências é revertida para as comunidades. A visita mostrou que não funciona desta maneira, pelo menos não no Santa Marta.

Em debates *on-line*, a questão do *favela tour* ainda é aparentemente construída com uma “moldura interpretativa” diferente da que ocorre nos agenciamentos vividos no local da visita.

7. Bibliografia

CAIAFA, Janice. *Aventuras das cidades – ensaios e etnografias*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2007.

CUNHA, Érika Conceição Gelenske. *Reflexões sobre a turismo cultural na “cidade maravilhosa”* Rio de Janeiro: FGV, 2008.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. *Gringo na Laje - Produção, circulação e consumo na favela turística*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2009.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. *A construção da favela carioca como um destino turístico*. Rio de Janeiro:CPDOC, 2006.

URRY, Jhon. *O olhar do turista – lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. São Paulo: Studio Nobel : SESC, 1996.

MARQUES, Ângela Cristina Salgueiro. *A conversação informal na internet: condições interacionais e contribuições para uma análise qualitativa*. In: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de Lopes; MARTINO, Luiz Cláudio. *Pesquisa empírica em comunicação*. São Paulo: Paulus. 2010

MOLINA, Sérgio. *O Pós-Turismo*. São Paulo: Ed. Aleph. 2003

TORRES, Mônica Lisboa. *O Rio dos viajantes: representações da cidade nos guias de turismo*. 2006. Artigo apresentado no IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom. <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1907-1.pdf>

Sites consultados

Fórum do guia *Lonely Planet*

<http://www.lonelyplanet.com/thorntree/thread.jspa?threadID=1772041/>

Acessado no período de 02 a 10 de dezembro de 2010.

Site UPP Social

Acessado em 30 de novembro de 2010. (Disponível em http://upprj.com/wp/?page_id=20)

Site da Embratur

www.turismo.gov.br/ Acessado em 10 de dezembro de 2010

Jeep Tour

www.jeeptour.com.br/ Acessado em 13 de dezembro de 2010

Matérias de jornal “Jornal do Brasil” *Rio Top Tour: 5 mil turistas em um mês no Santa Marta*. Rio de Janeiro, 05.10.2010. Disponível em: (<http://www.jb.com.br/rio/noticias/2010/10/05/rio-top-tour-5-mil-turistas-em-um-mes-no-santa-marta/>) Acessado em 12.12.2010.

ⁱ Texto original em inglês. “My initial reaction when first reading of these was that I wouldn't be interested in taking one - I think I'd find it a bit patronising toward the population of the favelas in that I'd be part of a tour group coming to gawp at their home because they are poor, underprivileged and live in an area of high deprivation and high crime however, after doing a little reading up on the tours tonight, it seems that there are tours out there that invest the profits they make into helping the communities - so now it is something I might consider.”

ⁱⁱ Texto original em inglês “What are others opinions on these tours, are they ethical? and would anyone who has taken one recommend following suit, or did they find it awkward?”

ⁱⁱⁱⁱⁱⁱ Texto original em inglês “Favelas are cool stuff. Learn as much as you can about the world and about the life of the poor while you can afford to be a tourist... so you are prepared to live in a shantytown when the economy in your own country gets worse...”

^{iv} Trecho retirado da conversa original Yes, some tour groups make a nominal donation. I rather gather it's principally done for practical reasons rather than any sense of community building. Firstly, they need to establish some bona fides to operate in these communities. Secondly it's a useful marketing pitch to tourists, it salves their conscience. I wasn't really on some sort of prurient gawpers tour, I was making a contribution to a disadvantaged community. Their principle concern is however commercial, it's a novelty tour for folk who can afford to gawp, whether they want to dress up their voyeursism with a pretence of social concern or not. The principle operator is a commercial tour guide who came up with a novel idea to expand his business. It's been widely copied since.

The money disbursed from these tours is a drop in the ocean compared to the income of folk who live in these communities, the vast majority of whom work in lowly paid jobs elsewhere in the city. It also pales compared to the money from illegal activity and even government funding.

^v Texto original em inglês “My favela tour was the highlight of my trip. I went with a tour agency called 'Dont be a gringo, be a local', which should be advertised in most hostels. We were given the opportunity to buy artwork and food from the people in the community and to give donations directly to the adorable childcare centre we spent time in. You wont regret.”